

# PAULO GUEDES

## Ainda falta muito IV

A compra de “governabilidade” e a venda de “apoio parlamentar” foram exemplarmente punidas em histórico julgamento pelo Supremo Tribunal Federal (STF) sob a presidência do notável Joaquim Barbosa. Mas a importância de lideranças extraordinárias à frente do Poder Judiciário para o aperfeiçoamento institucional e a prosperidade de um país pode se estender muito além da esfera política.

“A indicação de John Marshall para Chefe de Justiça da Suprema Corte dos Estados Unidos foi talvez a mais importante de toda a história da Presidência da República americana. Marshall tornou os EUA uma economia capitalista. E considerava as instituições de uma economia de mercado essenciais ao bem-estar futuro do povo americano. Seu trabalho era garantir constitucionalmente o funcionamento dessas instituições”, registra Paul Johnson, em sua clássica “Uma história do povo americano” (1997).

Marshall tinha consciência do impacto econômico de suas interpretações do texto constitucional. Estava sempre atento aos preconceitos das multidões despreparadas e aos apelos do populismo demagógico. “Sob o Estado de Direito, os americanos seriam capazes de mobilizar seus

vastíssimos recursos naturais, tornando-se o mais rico país do mundo. Seriam os mercados a ferramenta de conquista das novas fronteiras do Oeste americano. O papel do Estado seria prover marcos regulatórios estáveis para dar confiança aos empreendedores e atrair investimentos. Marshall estava atento às ameaças legislativas de demagogos e irresponsáveis em uma democracia emergente. Exerceu o poder da Suprema Cor-

**A importância do Poder Judiciário para a evolução institucional e a prosperidade do país vai muito além da esfera política.**

te de rever as legislações federal e estaduais que considerava inconstitucionais. Suas intervenções eram particularmente necessárias após a universalização do direito de voto, pois a classe política legislava ataques às propriedades para agradar às massas.”

E, apontando para nós seu dedo indicador à moda de Tio Sam, encerra o historiador britânico: “Marshall salvou os EUA da demagógica insensatez legislativa e governamental que tornou insegura a propriedade na América Latina, que permaneceu, por isso, pobre e atrasada. Suas interpretações constitucionais tornaram possível a acumulação de capital em escala inimaginável”. Aumentando a produtividade e os salários como nunca antes. ●

## Morte e vida das Repúblicas

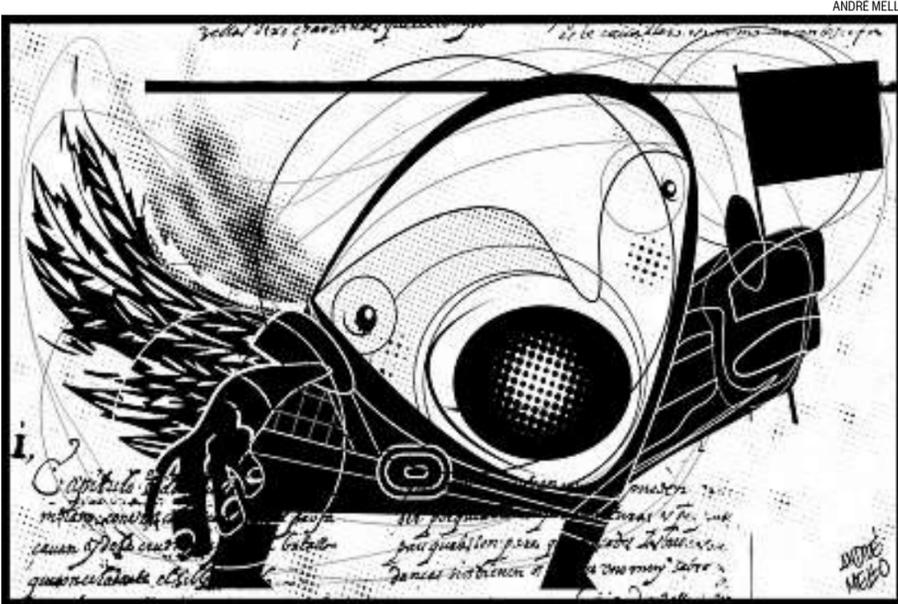
NELSON PAES LEME

Só mesmo quem passou por experiências muito próximas da morte pode avaliar o que venha a ser essa fronteira tão tênue e tão frágil entre o ser e o não ser mais. Shakespeare dela se ocupou na maioria de suas peças. Quase um obcecado pelo tema. Os gregos a transformaram em duas criaturas míticas quase irmãs siamesas: Eros, o deus do amor e da vida, e Tanatos, o deus alado que deixa certa bruma prateada depois da sua obra letal concluída. Sem falar nas copiosas tragédias. O magistral Jorge Luis Borges em seu conto “O imortal”, um dos mais expressivos textos de realismo fantástico jamais escritos, descreve o périplo intertemporal e interestelar insone e aflitivo do personagem principal que deseja ardentemente morrer e não consegue, até encontrar uma tribo de bugres também imortais mas que dispunha do bendito antídoto procurado incessante e desesperadamente pelo “Imortal”: a água de uma benta chuva sazonal que representava, afinal, o fim da vida doentamente eternizada desses trogloditas. Isto porque o fim é dialeticamente também o princípio. A imagem do hexagrama do I Ching para a reconstrução ou “trabalho sobre o que se deteriorou” é um caldeirão com vermes no fundo.

A ordem social, a política e o Estado organizado repetem essa dualidade do indivíduo. Também as repúblicas e os regimes políticos falecem, como empresas podem falir e pessoas simplesmente desaparecer, independentemente do momento escolhido e da quantidade de pranto derramado.

As coletividades repetem essa dialética individual até porque se constituem de indivíduos, obviamente, sujeitos a esse mesmo processo eterno. Mesmo espécies inteiras se extinguem a despeito da continuidade das demais. Estrelas apagam seus fogos supostamente eternos e aparentemente perenes no escuro nanquim da eternidade e do infinito.

O que ocorre hoje com essa nossa República em cínicos estertores e nítidos frangalhos morais é sintomático dessa falência múltipla de órgãos que ora vivenciamos, sempre na expectativa otimista de que não seja o último suspiro dessa purulenta senhora, esse mau hálito exalado pelas instituições no Brasil, sem exceção. O país não tem mais a mínima clareza de suas estratégias e o destino é uma obscura incógnita. Seja no planejamento eco-



**O país não tem mais a mínima clareza de suas estratégias e o destino é uma obscura incógnita**

nômico, com um Estado gigantesco e inadministrável em sua obesidade mórbida, loteado em múltiplas fatias das conveniências políticas dessas espúrias alianças por tempo na TV; seja na representação partidária totalmente distorcida e dissociada da realidade das ruas e dos clamores diários da sociedade por melhores condições de saúde, educação, transporte e segurança; seja na falta de lideranças com propostas objetivas e realmente saneadoras desse verdadeiro caos em que esses últimos 12 anos de gestão petista nos enfiou a todos goela abaixo. A República faleceu e ninguém se dá conta. Nem governo nem oposição refletem isso em seus discursos delirantemente dissociados da chamada realidade plausível de Fernando Pessoa.

O poder corrompe, já disseram Lao Tzu e Maquiavel, mas também aliena. Quanto mais tempo no poder, mais corruptos, impunes mas, sobretudo, mais alienados seus ocupantes. Como obter lisura e isonomia em eleições adrede corrompidas, onde o presidente do Tri-

bunal Superior Eleitoral, nomeado por uma candidata, exatamente a ocupante do Executivo, foi até ontem militante e advogado do partido político desta candidata? Como obter lisura e isonomia numa eleição onde a candidata do governo dispõe do dobro de tempo de propaganda eleitoral de todos os candidatos da oposição? Como acreditar em um governo cuja cúpula dirigente está atrás das grades, com um diretor da maior empresa estatal também preso e outro do maior banco estatal, condenado e foragido na Itália? Desde os brioches de Maria Antonieta na França da Bastilha decaída, ao Baile da Ilha Fiscal que pôs fim ao Império no Brasil que os decadentes alienados se sucedem. O poder petista desses tempos não estaria imune a essa fatalidade histórica. Nunca se viu tanta corrupção, tanto descaso e escárnio com a coisa e com a opinião públicas e tanta alienação para o que está por vir. Preveem-se tempos sombrios e confusos. Quem viver, verá. Ninguém se dispõe a enterrar essa fétida senhora: a república lulopetista. Não há covetor que resista a tanta putrefação. E o mais incrível de tudo: a única proposta de reforma política do Estado vem pelas mãos exatamente do próprio PT. ●

*Nelson Paes Leme é cientista político*

## Risco de alta potência

SUELY ROZENFELD E ÁLVARO NASCIMENTO

Será que estamos assistindo a um surto silencioso de morte súbita de homens associada ao uso de sildenafil, medicamento usado para disfunção erétil?

Há relatos isolados de profissionais que atendem casos de morte súbita em motéis que encontram, entre os pertences da vítima, embalagens de produtos farmacêuticos indicados para disfunção erétil, contendo a substância sildenafil. Desconhecemos registros das equipes de emergência (sejam órgãos da Defesa Civil, do Samu ou do Corpo de Bombeiros) que poderiam ajudar a esclarecer a dimensão do problema. Desconhecemos relatos de parceiros, amigos e familiares dos que morreram. Tampouco médicos ou outros profissionais de saúde têm se pronunciado sobre o assunto. Desconhecemos alertas públicos das autoridades sanitárias para prover a população de informações sobre o produto ou seus riscos.

A aparente ocorrência de aumento de casos de morte súbita de homens em uso do sildenafil — paralelo ao extraordinário crescimento das vendas no país, de dois milhões de unidades/ano para 30 milhões, com o fim da vigência de sua patente — merece investigação de caráter público.

O sinal de alerta tem a ver com a saúde da nossa coletividade. O sildenafil é fármaco usado para duas indicações terapêuticas diferentes: hipertensão pulmonar e disfunção erétil. Recomendações técnicas preconizam comprimidos de 5mg ou 20mg no primeiro caso e de 25 a 100mg no segundo. Recente episódio relacionando o Ministério da Saúde, o laboratório do Ministério da Mari-

nha e o laboratório Labogen, do doleiro Alberto Youssef, resultou em grande confusão e desinformação sobre as duas condições.

A hipertensão pulmonar reflete estados patológicos e a disfunção erétil associa-se a mudanças relacionadas ao envelhecimento, embora haja notícias de uso recreativo em adultos jovens. Assim como outras condições de saúde com importantes componentes culturais, tais como a anorexia, as cirurgias plásticas estéticas, o uso abusivo de tranquilizantes, antidepressivos e outros, a disfunção erétil é tema silenciado. Seja o silêncio resultado do eventual constrangimento pela perda funcional, ou do forte

**Há relatos isolados de morte súbita em motéis em que entre os pertences da vítima havia medicamentos com a substância sildenafil**

machismo da nossa sociedade, que associa desempenho sexual a vigor e poder.

Nunca é demais lembrar que o capítulo da lei 8080/90 que trata da Vigilância Sanitária determina ser de responsabilidade das autoridades sanitárias eliminar, diminuir ou prevenir riscos à saúde, além de intervir nos problemas sanitários decorrentes da circulação de produtos. E que houve episódios trágicos envolvendo o uso de medicamentos. Só para citar alguns, muitas vidas foram perdidas após o uso do mercúrio contra a febre amarela, no século XIX. E, no século XX, registraram-se mortes de crianças com insuficiência renal, após o uso de xaropes com dietilenoglicol, e de asmáticos por uso de aeros-

sóis com isoproterenol. Na década de 1960, ocorreram mais de 15 mil casos de malformação congênita em crianças cujas mães usaram talidomida.

A falta de conhecimento completo em relação ao uso de fármacos trouxe à tona, de forma trágica, o que a ciência sustenta há décadas: não há substância farmacologicamente ativa isenta de riscos e nem todos os riscos são conhecidos antes de o produto estar no mercado.

Para que se tenha ideia da magnitude do problema, há contraindicação para o uso do sildenafil concomitante ao uso de nitratos usados para tratar doença cardiovascular, e para os indivíduos com hipotensão, derrame recente ou infarto do miocárdio. Vale perguntar: quantos brasileiros que estão consumindo as 30 milhões de unidades por ano de sildenafil sabem disso?

As consequências do uso de produtos para disfunção erétil são tema que não vem sendo tratado com responsabilidade pelos gestores do nosso sistema de saúde. Medidas reguladoras do Ministério da Saúde — tais como submeter a compra nas farmácias a controle rigoroso do receituário — são importantes para estancar os possíveis efeitos adversos. Investigar a ocorrência de complicações e mortes associadas ao uso do produto, e divulgar os resultados, permitirá prover e não privar os indivíduos da informação necessária para decidir de forma consciente e informada se desejam, ou não, correr os riscos inerentes aos fármacos. Seja ele constrangedor, obsequioso ou cúmplice, até quando aceitaremos o silêncio? ●

*Suely Rozenfeld e Álvaro Nascimento são pesquisadores da Fiocruz*

## Gol contra os clubes

MARCIO BRAGA

Em meio à Copa, é importante refletir sobre o futebol brasileiro e a situação do Flamengo é um bom ponto de partida. O único clube hexacampeão brasileiro, com a maior torcida do mundo, que nunca foi rebaixado em sua história, estaria na série B se o Campeonato Brasileiro terminasse hoje.

O Zico, um exemplo de atleta e cidadão, cuja importância para o Flamengo e o Brasil não se discute, outro dia declarou à Radio Globo que é mais importante para o clube pagar suas dívidas do que ficar na primeira divisão. Isso não existe! O objetivo de um clube é ganhar títulos. Aliás, se cair, aí mesmo que não consegue fechar suas contas.

Diferentemente de qualquer empresa, onde os acionistas esperam a distribuição de dividendos, os sócios e torcedores de um clube esperam nada mais, nada menos, que um bom desempenho. Enquanto estava na presidência do Flamengo, conquistamos 53 títulos. Nem sempre os salários estavam em dia.

O desempenho dos jogadores não se resume aos seus vencimentos. O Zico, por exemplo, jamais jogou no Flamengo apenas por dinheiro, embora nunca tenha deixado de receber seu salário.

Hoje, a maior parte da dívida dos clubes é com o governo, mas alto lá! Será que o Governo pode cobrar alguma coisa dos clubes?

Quando criou a Timemania, o governo convenceu os clubes a confessarem dívidas que não tinham, prometendo arcar com o mínimo R\$ 520 milhões por ano com a loteria. Os clubes fizeram a sua parte, o Governo não fez a dele. Prometeu e não cumpriu! Agora pode cobrar dos clubes como se essa dívida não fosse sua responsabilidade?

Os clubes sofrem com um modelo de concentração de riqueza na CBF e nas federações, que fazem coro com o governo criticando a gestão dos clubes, mas quem são eles para cobrar boa gestão de alguém?

Aqui no Rio, por exemplo, saem fragilizados da Copa por uma ação deliberada do governo do estado para favorecer a Odebrecht com a privatização do Maracanã, cujo edital proibia a participação dos clubes de futebol na administração do estádio.

Em 2007, o Flamengo tinha todas as autorizações e licenças para construir seu estádio de 30 mil lugares na Gávea, ampliando suas instalações e expandindo a sede social com lojas, cinemas, restaurantes, espaço para eventos e estacionamento para 1.836 carros, que funcionaria independentemente dos dias de jogo. O governador Sérgio Cabral revogou a autorização que o Flamengo havia recebido de sua antecessora, deixando o clube refém da Odebrecht no Maracanã.

Em tempo, em 2008, Flamengo, Fluminense e CBF assinaram protocolos e investiram em estudos de viabilidade para remodelagem e reforma do Maracanã, que custaria R\$ 600 milhões sem nenhum investimento público.

O governo do estado preferiu excluir os clubes e gastar cerca de R\$ 1,3 bilhão na obra do Maracanã. Agora, o torcedor do Flamengo, que é maioria em todas as classes sociais, sofre com o preço dos ingressos no Maracanã e não tem nenhuma opção, já que o governo ainda mantém o Engenho fechado para garantir o monopólio da Odebrecht.

E ainda tem gente que acha que os problemas estão só nos clubes. ●

*Marcio Braga foi presidente do Flamengo*